

## A representação do patrimônio na literatura afro-brasileira: uma análise comparativa dos contos *Olhos D'água, das Águas e Arlinda*

Denise Bock de Andrade<sup>1</sup>

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir da análise de contos da Literatura Afro-brasileira, buscou-se, com este estudo, investigar que patrimônios culturais estão disseminados em *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo; *Das águas* (2017), de Cristiane Sobral; e *Arlinda* (2017), de Fátima Trinchão. A discussão teórica é inspirada em estudos sobre Memória Social e Literatura Afro-brasileira, tendo como enfoque, patrimônios culturais mencionados nos contos. Os resultados apresentam um fazer literário tendo como suporte a memória cultural. Como resultado das discussões, observa-se que, no decorrer das narrativas, nas memórias das personagens, estão armazenados, elementos que correspondem à diáspora africana. Tais elementos estão ligados, portanto, a um patrimônio cultural. Evidencia-se também que os contos assumem um compromisso de garantir a continuidade da história.

**Palavras-chave:** literatura afro-brasileira; patrimônio; memória.

## The representation of heritage in afro-brazilian literature: a comparative analysis of the short stories *Olhos D'água, das Águas, And Arlinda*

**Abstract:** Based on the analysis of short stories from Afro-Brazilian Literature, this study aimed to investigate which cultural heritages are disseminated in "Olhos d'água" (2014) by Conceição Evaristo; "Das águas" (2017) by Cristiane Sobral; and "Arlinda" (2017) by Fátima Trinchão. The theoretical discussion is inspired by studies on Social Memory and Afro-Brazilian Literature, focusing on cultural heritages mentioned in the short stories. The results present a literary practice supported by cultural memory. As a result of the discussions, it is observed that, throughout the narratives, in the characters' memories, elements corresponding to the African diaspora are stored. These elements are therefore linked to a cultural heritage. It is also evident that the short stories undertake a commitment to ensure the continuity of history.

**Keywords:** afro-Brazilian literature; heritage; memory.

<sup>1</sup> Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle. Graduação em Letras pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: [denise.202112022@unilasalle.edu.br](mailto:denise.202112022@unilasalle.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4725-1571>

<sup>2</sup> Doutora (2012) e Mestre (1996) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Letras. Professora e pesquisadora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle. E-mail: [lucia.rosa@unilasalle.edu.br](mailto:lucia.rosa@unilasalle.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0715-8471>.

## La Representación Del Patrimonio En La Literatura Afrobrasileña: Un Análisis Comparativo De Los Cuentos *Olhos D'água, das Águas Y Arlinda*

**Resumen:** Desde el análisis de cuentos de la Literatura Afrobrasileña, se buscó, con este estudio, investigar qué patrimonios culturales están diseminados en los cuentos brasileños *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo; *Das águas* (2017), de Cristiane Sobral; y *Arlinda* (2017), de Fátima Trinchão. La discusión teórica está inspirada en estudios sobre Memoria Social y Literatura Afrobrasileña, teniendo como enfoque, patrimonios culturales mencionados en los cuentos. Los resultados presentan una escritura literaria teniendo como soporte la memoria cultural. Como resultado de las discusiones, se observa que, al decorrer de las narrativas, en las memorias de los personajes, están almacenados, elementos que corresponden a la diáspora africana. Tales elementos están ligados, por lo tanto, a un patrimonio cultural. Se evidencia también que los cuentos asumen un compromiso de garantizar la continuidad de la historia.

**Palabras-clave:** literatura afrobrasileña; patrimonio; memoria.

## La représentation du patrimoine dans la littérature afro-brésilienne: une analyse comparative des contes *Olhos D'água, das Águas, Et Arlinda*

**Résumé:** À partir de l'analyse de contes de la littérature afro-brésilienne, cette étude vise à enquêter sur les patrimoines culturels diffusés dans "*Olhos d'água*" (2014) de Conceição Evaristo ; "*Das águas*" (2017) de Cristiane Sobral ; et "*Arlinda*" (2017) de Fátima Trinchão. La discussion théorique s'inspire des études sur la mémoire sociale et la littérature afro-brésilienne, en mettant l'accent sur les patrimoines culturels mentionnés dans les contes. Les résultats présentent une pratique littéraire soutenue par la mémoire culturelle. À la suite des discussions, il est observé que tout au long des récits, dans les souvenirs des personnages, sont conservés des éléments correspondant à la diaspora africaine. Ces éléments sont donc liés à un patrimoine culturel. Il est également évident que les contes s'engagent à garantir la continuité de l'histoire.

**Mots-clés:** littérature afro-brésilienne; patrimoine; mémoire.

### 1 Considerações iniciais

Esta breve composição tem a intenção de analisar que patrimônios culturais estão presentes em três contos da Literatura Afro-brasileira. Considerando as narrativas como uma potência pedagógica, vislumbramos alguns saberes ancestrais cuja memória coletiva é compartilhada e materializada através de patrimônios culturais. Em seus enredos, as escritoras promovem a disseminação de um saber ancestral, oferecendo ao leitor a possibilidade de reconhecer/ressignificar práticas culturais africanas dentro e fora de espaços educativos.

As tessituras ganham forma e também bordam filosofias do povo africano, conservando e transmitindo esses saberes que operam como uma pedagogia, ensinando às personagens sobre um tempo pretérito que encarna as lutas dos antepassados, mas também serve de auxílio mediante a dilemas vividos no tempo presente. E assim, trouxemos como exemplo, os ensinamentos de que os sujeitos afrodiaspóricos

são “produtores e condutores desses saberes” (Machado, 2023, p. 63).

Ressaltamos também que esses saberes estão, em grande parte, armazenados na memória coletiva dos sujeitos diaspóricos. Identificamos de antemão, a temática da memória como um instrumento de preservação do patrimônio cultural não olvidado pela diáspora. Se a transmissão e preservação da memória e do patrimônio eram difundidos através da oralidade, entendemos, aqui, que a literatura afro-brasileira, se configura como um patrimônio histórico por garantir a continuidade da memória e dos saberes herdados.

## **2 Literatura afro-brasileira: lugar de memória e patrimônio**

Desde a década de 1980, as produções literárias voltadas ao pertencimento de uma identidade afrodescendente vêm consolidando um fazer literário que abarca aspectos culturais. Para tanto, busca-se mapear que patrimônios culturais estão também presentes na literatura afro-brasileira, e, pensando a literatura como uma pedagogia que opera fora dos espaços escolares.

De antemão, abordaremos algumas características da literatura afro-brasileira. Diante da vasta produção literária que apresenta diferentes aspectos da cultura e da memória dos afro-brasileiros, iniciamos nossas análises a partir das explicações do teórico Eduardo de Assis Duarte (2008), de forma a definir os seguintes atributos para conceituá-la.

Em primeiro lugar, a temática: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar, a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. [...]. Um quarto componente situa-se no âmbito da linguagem, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afrobrasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepional são insuficientes (Duarte, 2008, p. 12)

Segundo o autor, o negro é o tema principal da literatura, entretanto, há de considerar a questão universal do sujeito, ou seja, considerá-lo como sujeito dotado de aspectos culturais, sociais e artísticos. Já como segundo elemento, identificamos a singularidade dos sujeitos afrodiáspóricos que atravessaram um processo miscigenador. Sobre o terceiro aspecto, entendemos que a escrita não atravessa apenas a adoção de um tema voltado à história afro-brasileira. Como sugere o autor, é preciso adotar uma perspectiva tendo em vista uma visão de mundo compartilhada e que se identifica com os aspectos culturais e, com isso, abarcar em particular toda a problemática de vida que envolve os sujeitos de forma coletiva. E, como quarto elemento, a questão da linguagem ganha uma atribuição significativa, uma vez

que aponta para os novos significados, ritmos e expressões singulares, inseridas no vocabulário. Verificamos como quinto elemento, a formação do público leitor afrodescendente.

Ao projetar um conceito sobre a literatura afro-brasileira, o autor Cuti (2010) menciona que a denominação negro-brasileira torna-se problemático, uma vez que a produção literária assim nominada fica à margem da literatura brasileira.

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem retorno à África, afastamento silencioso no âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. (Cuti, 2010, p. 35-36).

Ainda, a respeito da nomenclatura, Cerqueira (2017) enfatiza que a literatura afro-brasileira é uma particularidade da literatura brasileira porque aborda em seu contexto, características culturais e sociais do Brasil. Apresentando como possibilidade a substituição da designação afro à medida que vencer as disfunções geradas pelo racismo.

A literatura negra ou afro-brasileira é uma particularidade da literatura brasileira. A literatura tem cor e tem nacionalidade. Ela é, antes de tudo, brasileira, pois aborda aspectos culturais, sociais, econômicos e ideológicos do espaço físico dos brasileiros. Mas, ela também é negra, na medida em que aborda situações que só podem ser vividas pelos negros. Ela é negra, sobretudo, em razão da não integração racial no Brasil. Ela deixará o adjetivo particularizante, na medida em que consiga vencer as mazelas seculares impostas pelo racismo (Cerqueira, 2017, p. 17).

Interessante observação da autora quanto ao uso do adjetivo ser empregado em razão da necessidade de vencer as mazelas impostas pelo racismo. Entretanto, entendemos que a nomenclatura ganhou força e notoriedade, e, que, portanto, denominá-la como afro ou negro-brasileira é mais atributo do pluralismo literário.

Quanto à experiência da escrita, Francineide Palmeira (2010) destaca a temática da Literatura Afro-brasileira a partir de um processo de construção da identidade ligada à memória.

Compreendendo o passado como importante para a construção da identidade dos afros-brasileiros, as escritoras e os escritores da literatura negra tematizam a memória dos afrodescendentes em suas produções, trazendo à tona uma memória coletiva invisibilizada, negada e apagada pela história oficial brasileira. Por meio da reinvenção poética, esses escritores e escritoras imortalizam a experiência vivenciada e transmitida de pai para filho e de mãe para filha num processo de reconfiguração/preservação simultânea de traduções seculares transmitidas pela oralidade. (Palmeira, 2010, p. 5-6).

É desse pluralismo que notamos, nas próprias produções literárias aqui analisadas, aspectos que abarcam um coletivo. Entre as narrativas, constatamos um conjunto de reverses partilhados e de características que serão destacadas a seguir. Nos contos, há uma particularidade percebida que conduz as narrativas de modo a entrecruzar tempos transatos com o tempo presente. Recorrendo à memória, as personagens mergulham nas histórias ancestrais para trazerem ensinamentos, rememorar e transmitir lembranças latentes.

A concepção da memória presente nos contos vai ao encontro das considerações de Michel Pollak (1989), ao abordar sobre os estudos da história oral, enfatiza a relevância. Segundo o autor, a memória oral pertencente às minorias se opõe à Memória oficial.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. (Pollak, 1989, p. 4).

Na concepção do autor, a história oral irrompeu com o silêncio dos grupos marginalizados, fazendo emergir a história das minorias que se opõem às narrativas oficiais. Segundo o autor, “uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades” (Pollak, 1989, p. 5). No que se refere ao silêncio sobre o passado, para o autor indica que a intencionalidade não é produzir o esquecimento, mas atenta para a resistência que uma sociedade civil impotente opõe-se ao excesso de discursos dito oficiais.

Sobre a necessidade de relembrar, Pierre Nora (1993) discorre a respeito do conceito de “aceleração da história” como sendo

uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura do equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais (Nora, 1993, p. 7).

Entende-se que a memória, no atual contexto histórico, encontra-se "esfacelada" pelos processos de ruptura das tradições, sendo assim, o autor ressalta que a memória tradicional e os meios de memória sofreram um processo de esfacelamento por distanciar-se das tradições ancestrais. Tal esfacelamento está diretamente ligado aos processos da “mundialização, da democratização, da massificação e da mediatização” (Nora, 1993, p. 8).

Entretanto, essa memória contém ainda resíduos para se manifestar e se fazer surgir. E para isso, torna-se necessário criar e preservar locais de memórias, de forma a garantir sua continuidade. Assim, os chamados *lugares de memória* denominados pelo autor, são espaços onde habitam o residual com a finalidade de preservar uma memória. Nora enfatiza que “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (Nora, 1993, p. 8).

Fundamenta-se, com base na expressão *lugares de memória*, de Pierre Nora (1993), a noção de três aspectos: o material, o funcional e o simbólico. Assim, os *lugares materiais* como bibliotecas e museus, por exemplo, são considerados memória somente quando se investem de uma força simbólica. Os *lugares funcionais* como documentos, testamentos, entre outros, operam como *lugares de memória* quando investidos de um ritual, uma simbologia, cuja função seja preservar e transmitir a memória coletiva. Já os *lugares simbólicos* representam as vivências e experiências compartilhadas por um grupo no pretérito. No

que se refere à memória, convém ressaltar que, na perspectiva de Pierre Nora (1993, p. 21), “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”.

O quadro a seguir apresenta um recorte dos lugares de memória que se relacionam com as lembranças das personagens, levantando a hipótese de que as personagens criaram lugares de memória para armazenarem suas lembranças.

**Quadro 1:** Contos e respectivas autoras Literatura afro-brasileira

Título do conto	Autora	Lugares de memória
Olhos d'água	Conceição Evaristo	cor dos olhos, ausência da mãe
Das águas	Cristiane Sobral	rio, espelho
Arlinda	Fátima Trinchão	ruas e locais do passado

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Destacamos que a memória pode ser materializada através dos *Lugares de Memória*. O termo em destaque desempenha a função de relembrar algo, com base em três aspectos: o material, o funcional e o simbólico. Por meio do conceito de *Lugar de Memória*, localizamos um Patrimônio Cultural transmitido pela memória coletiva dos grupos marginalizados.

Interessante recorrermos aos sentidos mencionados à palavra patrimônio. Segundo o dicionário (Aurélio, 2010, p. 570), patrimônio deriva do latim, *patrimoniū*, e ganha alguns significados como: herança paterna, bens da família, e, com o sentido figurado, a riqueza, enquanto patrimônio cultural.

A Constituição Federal engloba em seu Art. 216 os seguintes conjuntos de bens: aqueles de natureza material e imaterial, que, de forma individual ou coletiva, referem-se ao patrimônio identitário e memorial. Destaca-se também que o referido Art. 216, menciona ainda como patrimônio “os modos de criar, fazer e viver; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais” (Brasil, 1988).

No que se refere aos modos de criar, fazer e viver, descritos no Art. 216, entendemos que a literatura se configura como um patrimônio literário e também pedagógico, pois incorpora elementos culturais e históricos que contornam e influenciam o fazer literário. É por esse viés que corroboramos com uma Educação Patrimonial, estimulada pela literatura. Assim, a Educação Patrimonial segunda (Horta, 1999),

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (Horta, 1999, p. 4).

De acordo com a autora, o objetivo da Educação Patrimonial é proporcionar também a valorização da herança cultural, muitas vezes desrespeitada no âmbito educacional. Segundo a autora,

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (Horta, 1999, p. 4).

Aproximar Literatura e Patrimônio é pensar em uma Educação Patrimonial, pois implica o conhecimento cultural, social e histórico inerente ao ser humano. É, então, possível associar a Educação Patrimonial com a implementação da lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino obrigatório da temática da História e Cultura Afro-Brasileira, mencionando que “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras” (Brasil, 2003).

### 3 A representação do patrimônio: uma análise comparativa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define aprendizagens essenciais para a educação básica, conferindo aos educandos, oportunidades de dialogar e reconhecer as desigualdades presentes nas sociedades. Por outro lado, é preciso que essas ações estejam alinhadas a um propósito de mudanças significativas no que diz respeito ao modelo de ensino. Um exemplo a ser discutido é o Dia da Consciência Negra. A data, por vezes, é ainda trabalhada de maneira momentânea pelas escolas, descaracterizando o sentido histórico.

As aprendizagens sobre a educação para as relações étnico-raciais envolvem questões complexas, cuja demanda de leitura e aprendizagem por parte dos professores é necessária e urgente, estendendo-se a outras disciplinas ao longo do ano. Como observado no próprio documento, a BNCC ressalta a diversidade no país, revelando as desigualdades geradas a partir dessas diferenças, bem como a necessidade de criar estratégias que promovam uma educação voltada para as variações linguísticas, étnicas e culturais.

A partir da elaboração de um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas, a BNCC, pautada nas diferenças étnicas, culturais e raciais, estabelece temáticas que dialogam com a Lei 10.639/03. Conforme documento, pode-se verificar que essa diversidade está presente em diferentes estilos de escrita contemporânea e, sobretudo,

[..] deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra (Brasil, 2018, p. 157).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) ressaltam a necessidade de oferecer respostas às demandas da população afrodescendente. O documento destaca a principal meta a ser atingida por meio das políticas de reparação. É possível realizar uma leitura sobre o direito dos negros de “se reconhecerem

na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos" (Brasil, 2004, p.10). Sobre as metas a serem atingidas pelas políticas, destacam-se o direito dos negros

cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas do conhecimento; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (Brasil, 2004, p. 10-11).

É necessário enfatizar que o documento menciona a necessidade de escolas e professores estarem preparados e envolvidos com uma educação voltada às demandas da população negra, mostrando-se capacitados para o exercício de ensinar. Nesse sentido, é necessário que educadores estejam aptos para lidar com as tensas relações engendradas pelo racismo, realizando uma autoanálise sobre pensamentos e comportamentos racistas, com vistas a desconstruí-los. É nesse ponto que o documento destaca algumas barreiras a serem enfrentadas na educação, pois os profissionais não estão qualificados para lidar com essas questões.

A proposta de (Candido, 2006, p. 34) enfatiza que “os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas”. Com isso, destacamos que, os contos aqui analisados, representam leituras que disseminam um patrimônio cultural. Em vista disso, os contos a seguir, podem ser analisados sob a perspectiva de uma leitura possível para uma Educação Patrimonial.

De acordo com Machado (2023, destaca-se também o papel de uma pedagogia da ancestralidade. Enquanto saberes guardados nas memórias e no corpo dos sujeitos, entendemos que a literatura como fonte de estudos históricos e patrimoniais. Para a autora,

as pedagogias da ancestralidade implicam-se na construção de referenciais teóricos-metodológicos outros, partindo de práticas inclusivas e tecidas pelos saberes e pelas memórias de nossos corpos, pelas memórias e pelos saberes ancestrais, pelos saberes e pelas histórias de nossos povos, partindo do vínculo ancestral entre corpo, memória, espiritualidade e natureza (Machado, 2023, p. 6).

Nesse sentido, traçamos uma correlação entre Educação Patrimonial e Pedagogias da Ancestralidade. É, pois, sobre este aspecto, que os contos analisados, estão diretamente ligados a um saber ancestral e cultural. Miriam Alves (2010, p. 184) já mencionou que “a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher”.

Sendo assim, em uma escrita atravessada pelas lembranças da protagonista, o conto *Olhos d'água* apresenta o dilema da personagem aflita por não recordar a cor dos olhos da mãe. É por meio desse questionamento que a protagonista vai narrando acontecimentos que remontam à tenra infância e ao



convívio com a mãe e com as irmãs. Interessante observar que a indagação é reiterada diversas vezes pela própria narradora que não consegue recordar a cor dos olhos da mãe. A cada resposta para a pergunta, a personagem desdobra-se em relatar através de um fio condutor, momentos que a levam a um deslocamento temporal que percorre a infância até reportar-se às origens, na África.

Curiosamente, a narradora relembra cenas que revelam a miséria e a fome; canções de louvores aos ancestrais e menciona não esquecer “essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias” (Evaristo, 2016, p. 12), sem contudo, recordar a cor dos olhos da mãe. Há uma relação direta entre a religiosidade da protagonista que busca através da memória, *olhar para trás* para descobrir sua própria identidade fragmentada pelo distanciamento de suas raízes. Mais uma vez, vê-se diante de questões voltadas à ancestralidade ao estabelecer um diálogo entre o tempo presente e o pretérito, envolvendo as gerações que atravessam sua filha e seus ancestrais.

O conto *Das águas*, de Cristiane Sobral, apresenta um painel múltiplo de análises, suscitando interpretações desde aspectos culturais a temas relacionados à memória e à ancestralidade.

*Das águas* é um conto narrado em terceira pessoa, revelando a realidade da personagem Omi - protagonista. No início da narrativa, o leitor depara-se com aspectos ligados às questões do corpo, em que o emprego de palavras como “hiperbólica”, “opulenta”, “macaca”, “nega maluca”, “filha da senzala”, são recorrentes na vida de Omi. Sobre esse aspecto, pode-se verificar de antemão, a complexidade do cotidiano da personagem.

Tratando sobre essas questões, aponta-se a presença do espelho como forma de reprodução do racismo vivenciado, na medida que Omi “vivia o conflito com os seus espelhos” (Sobral, 2017, p. 50). Em *Das águas*, é possível observar a intersecção de opressões que entrelaçam uma identidade forjada por diferentes formas de violência. O conto é estruturado a partir de uma perspectiva negativa, tecida a partir de uma linguagem carregada de estigmas.

Entretanto, ressalta-se a presença de elementos que remetem à memória e à ancestralidade sendo lembrados pela protagonista. Sendo assim, salienta-se a genealogia da personagem sendo reconstruída por intermédio das lembranças. O narrador tece um painel das memórias que vão se manifestando a partir de sentenças como: “a resistência de um povo mantenedor de tradições culturais” (Sobral, 2017, p. 49); “sentia que a força dos seus estava a inspirar os seus passos” (Sobral, 2017, p. 50); “o axé dos novos e dos velhos de sua comunidade” (Sobral, 2017, p. 51); “ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum viu seus antepassados em uma terra distante em um pedaço de solo africano” (Sobral, 2017, p. 51). Observa-se, portanto, rastros ligados à memória ancestral de Omi.

Cabe mencionar as análises de Chagas e Rosa (2021, p. 219) sobre os rastros memoriais da diáspora afro-atlântica diaspórica presente no conto *Das águas*, de Cristiane Sobral. Os autores ressaltam que os rastros ancestrais podem ser identificados por meio de “elementos linguísticos, culturais e da religiosidade

dos povos iorubás e bantu”<sup>3</sup>.

Através de uma leitura com base na epistemologia pluriversal, os autores ressaltam a ideia pautada na coletividade, ou seja, abordam as múltiplas formas de leitura de mundo. Nesse sentido, os autores Chagas e Rosa focam na perspectiva de que “a unidade não pode ser separada da coletividade, da mesma forma que a coletividade só tem força a partir das suas muitas particularidades” (2021, p. 222- 223).

No que se refere à abordagem afroperspectivista, Chagas e Rosa (2021) ressaltam o entrelaçamento da história, da cultura e das ancestralidades. Tomando de empréstimo a abordagem afroperspectivista de acordo com Renato Nogueira (2019), é possível destacar as diversas maneiras de ler e estar no mundo.

*Arlinda* é um dos contos que compõem a antologia *Olhos de Azeviche*. Sobre a narrativa, é interessante observar a alternância entre dois narradores. De início, o conto apresenta características reveladas por um narrador que observa as vivências de Arlinda entre um fazer e outro. A voz observadora relata que “[...] Arlinda relembra tudo isso enquanto subia lentamente as escadas que davam acesso à sua casa, lá no alto do morro”, “[...] penava e relembra os momentos em que vivera com seus pais ali” (Trinchão, 2017, p. 86).

Nota-se que o relato observador é interrompido pela voz de Arlinda, sendo possível compará-lo a um monólogo. A percepção dessa mudança de narrador é revelada a partir de falas e reflexões que anunciam ensinamentos como “[...] gente como a gente, seo moço, não pode se deixar abater não, senão não vive” (Trinchão, 2017, p.86). Há momentos em que a voz de Arlinda revela também fatos sobre seus antepassados, formulando assim um emaranhado de histórias a partir de suas próprias memórias.

Interessante mencionar que o conto está estruturado a partir de um único parágrafo, em que, na voz predominante de Arlinda, constata-se o uso de uma linguagem coloquial. Sobre esses dois aspectos, confere-se à narrativa, uma licença poética, sendo possível compará-la à obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O conto é ambientado em um lugar em que a personagem mantém uma relação próxima, à medida que suas lembranças revelam momentos relacionados à infância de Arlinda. Isso quer dizer que o lugar é um espaço que auxilia a reconstruir suas memórias. Em idade avançada, a protagonista relembra episódios individuais e coletivos, mesclando valores culturais e religiosos.

Já as divindades presentes no cotidiano da protagonista podem simbolizar sua luta diária, pois segundo a concepção da protagonista, Ogum, Iansã, Oxum, Oxalá, Xangô e Oxalufã representam “guerreiros nesta vida e na outra” (Trinchão, 2017, p.92). Assim, nas veredas de suas memórias, Arlinda relembra fatos que remontam o passado ancestral ancorado em referências locais e também espirituais.

<sup>3</sup> Iorubás: povos procedentes das regiões da África ocidental - Daomé, Nigéria e Togo. No Brasil, de acordo com René Depestre (1980) “a cultura iorubá foi introduzida no Brasil pelos negros da Costa dos Escravos, sendo comum, em nosso país, chamar-se “nagô” aos iorubás e a sua língua”. De acordo com Robert Daibert (2015, p. 10), “os bantos são um conjunto de povos que habitavam a África Central nas regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda. Apesar das diferenças étnicas, esses povos compartilhavam o mesmo tronco linguístico: eram falantes das línguas bantos”.

Interessante ressaltar os estudos de Jurema Werneck (2010) acerca dos movimentos das mulheres negras. Destacamos em seu estudo a análise de três divindades: *Iemanjá*, *Iansã* e *Oxum*. *Iemanjá* “simboliza a maternidade acolhedora” (p. 12), já *Iansã* apresenta-se como uma força guerreira, “é dona das águas do mar” (p. 12). *Oxum*, mostra-se por meio da sensualidade, mas também adquire “instabilidade simbolizada pelo curso dos rios” (p. 12), estando diretamente ligada à fecundidade e ao futuro. Para a autora, apontar a feminilidade é trazer para a literatura um novo repertório de identidades.

#### 4 Considerações finais

Este estudo buscou apontar reflexões sobre a disseminação de patrimônios na Literatura Afro-brasileira. Entendemos que a literatura é, antes de tudo, um patrimônio que incorpora saberes históricos e culturais. Nos contos analisados, os saberes que circundam as narrativas são elementos de uma experiência individual e, ao mesmo tempo, abarcam uma noção coletiva. Neste aspecto, consideramos que a literatura permite a formação de uma identidade e que pode despertar nos sujeitos a criticidade acerca da história.

Os patrimônios culturais disseminados nos contos abarcam uma sabedoria religiosa que foi invisibilizada. É, pois, nesse sentido, que a literatura afro-brasileira opera como um lugar de memória e patrimônio. Entendemos, assim que no fazer literário das escritoras, encontra-se uma literatura com um patrimônio educativo, pois representa em seus enredos, uma noção que tende a socializar, conscientizar e educar.

#### Referências

ALVES, MIRIAM. A Literatura Negra Feminina No Brasil - Pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280/261>. Acesso em: 25 mar. 2024.

AMARO, Vagner (org.). **Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira - contos e crônicas**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 30 mar. 2024.

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 de jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **VÁRIOS Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. 2011.

CERQUEIRA, Janice Souza. **Da literatura afro-brasileira à afrofeminina de Conceição Evaristo**. Mestrado em Estudos Literários. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Feira de Santana. 2017.

CHAGAS, W. S.; ROSA, L. R. L. Rastros memoriais da diáspora afro-atlântica no conto “das águas” de Cristiane Sobral. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIOLOGY OF LAW**, 6., 2021, Canoas, Rio Grande do Sul. **Anais [...]**. Canoas, Rio Grande do Sul: Editora Unilasalle, 2021. p. 219-236. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/2993>. Acesso em: 13 Jun. 2023.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. Paraná: Positivo, 2010.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. GRUNBERG, Evelina. Monteiro, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Pedagogias da ancestralidade: perspectiva para o ensino de filosofias africanas no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 17, n. 1, p. 63-72, dez. 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1699/1465>. Acesso em: 20/03/2024.
- NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- PALMEIRA, Francineide. S. **Escritoras Negras e Representações de Insurgências**. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010b. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153\\_ARQUIVO\\_FrancineidePalmeiraFG9.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153_ARQUIVO_FrancineidePalmeiraFG9.pdf). Acesso em: 19 jun. 2023.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989.
- SOBRAL, Cristiane. Das águas. In. AMARO, Vagner (org). **Olhos de Azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira**. RJ: Malê, 2017.
- TRINCHÃO, Fátima. Arlinda. In. AMARO, Vagner (org). **Olhos de Azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira**. RJ: Malê, 2017.
- WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe. movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 1, mar-jun, p. 08-17, 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>. Acesso em: 08 mar. 2024.